



XXI ENANCIB

Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

50 anos de Ciência da Informação no Brasil:
diversidade, saberes e transformação social

Rio de Janeiro • 25 a 29 de outubro de 2021

XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXI ENANCIB

GT-2 – Organização e Representação do Conhecimento

DOROTHY PORTER WESLEY E A CLASSIFICAÇÃO PARA OS ESTUDOS NEGROS, AFRICANOS E DA DIÁSPORA

DOROTHY PORTER WESLEY AND THE CLASSIFICATION FOR NEGRO, AFRICAN AND DIASPORA STUDIES

Franciéle Carneiro Garcês da Silva – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Dirnéle Carneiro Garcez – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Daniella Camara Pizarro – Universidade do Estado de Santa Catarina (UFSC)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Esta pesquisa visa atender a dois objetivos principais: (i) apresentar a classificação criada pela bibliotecária negra, Dorothy Porter Wesley, para a organização, catalogação e classificação dos Estudos Africanos, Negros e da Diáspora, a qual é utilizada até hoje pelo *Moorland-Spangarn Research Center*; (ii) também refletir criticamente sobre esse movimento histórico que confronta a perspectiva eurocêntrica e racializada na práxis da catalogação e classificação, insurgindo com novas alternativas para organizar e classificar o conhecimento de populações historicamente marginalizadas. Como referencial teórico, contextualizamos o histórico das coleções e bibliotecas negras, a construção da Coleção Negra da *Howard University*, o confronto à perspectiva racializada na Classificação Decimal de Dewey, assim como a necessidade de elaboração de uma classificação própria para abarcar a experiência negra. Por fim, apresentamos como se encontra elaborada a classificação de Dorothy Porter Wesley, a partir da análise das edições dos catálogos lançados em 1932, 1939 e 1958.

Palavras-Chave: Dorothy Porter Wesley; classificação; estudos negros; biblioteconomia negra – Estados Unidos.

Abstract: This study aims to achieve two main objectives: (i) to present the classification created by the black librarian, Dorothy Porter Wesley, for the organization, cataloging and classification of African, Black and Diaspora Studies, which is used until today by Moorland-Spangarn Research Center; (ii) also, to think critically about this historical movement that confronts the Eurocentric and racialized perspective in the praxis of cataloging and classification, emerging with new alternatives to organize and classify the knowledge of historically marginalized populations. As a theoretical framework, we contextualize the history of black collections and libraries, the construction of the Black Collection of Howard University, the confrontation with the racialized perspective in Dewey's Decimal Classification, as well as the need to elaborate a classification of its own to encompass the black experience.

Finally, we present how Dorothy Porter Wesley's classification is prepared, based on the analysis of the catalog editions launched in 1932, 1939 and 1958.

Keywords: Dorothy Porter Wesley; classification; black studies; black librarianship – United States.

1 INTRODUÇÃO

O contexto do início do século XIX ao final do século XX nos Estados Unidos esteve permeado por diversos aspectos que excluíram as populações afro-americanas de ter acesso ao livro, à leitura e à biblioteca. Além do processo de escravidão da população africana em solo americano, houve ainda legislações que permitiam a segregação racial, organizações de extermínio e violência contra sujeitos negros e o desenvolvimento do capitalismo racial que, como consequência, promoveram o desabono de pessoas não-brancas dos espaços educacionais e das bibliotecas.

Autores como Todd Honma, Ian Beilin, Isabel Espinal, David James Hudson, Shaundra Walker e tantos outros apresentam discussões teórico-práticas sobre privilégio racial e branquitude dentro das bibliotecas e na atuação bibliotecária. Enquanto apontam a inexistência de neutralidade profissional e científica, também refletem que as práticas profissionais e de ensino estão vinculadas a uma constante recolonização do saber e promoção do privilégio racial branco em todas as facetas da biblioteca e Biblioteconomia. Por outro lado, visando confrontar essa hegemonia, sujeitos, organizações, universidades, bibliotecas e coleções foram construídas para – além de preservar, organizar, classificar, disseminar o conhecimento negro e capacitar pessoas negras – também realizar a documentação do conhecimento produzido *por* e *sobre* os negros, africanos e afrodiáspóricos. Compreendendo a importância da educação e da biblioteca para o desenvolvimento e transformação social, as comunidades negras americanas reivindicaram e elaboraram movimentos pelos direitos civis, assim como pelo acesso à biblioteca, livro, formação profissional, salários equitativos, antirracismo, antixenofobia, e demais pautas que confrontassem a hegemonia da supremacia racial branca.

Em seu artigo *A library on the Negro* publicado em 1938, Dorothy Porter Wesley, bibliotecária, historiadora e colecionadora negra, aborda que a *Howard University* se tornou uma universidade dedicada a formar a população negra no período pós-escravidão norte-americana. Dentro da universidade, o fundador Oliver Otis Howard se preocupou – para além de fornecer uma universidade voltada à comunidade negra americana – em construir uma biblioteca que corroborasse para o conhecimento histórico, epistemológico, cultural,

educacional, social e político sobre a história da população negra. Nesse sentido, conforme Dorothy explana, o fundador “sentiu que era imperativo apresentar o negro ao seu passado imediato. Ele, portanto, deu à Biblioteca da Universidade alguns livros e fotos sobre o Negro” (PORTER, 1938, p. 115, tradução nossa). Posteriormente, a Universidade recebeu um acréscimo ao acervo no ano de 1873, quando um ativista pela luta antiescravista, Lewis Tappan, doou sua coleção para a Universidade. Sua doação esteve composta por panfletos, livros, periódicos antiescravistas, manuscritos, *broadsides*, cartas, recortes e fotos relacionadas à comunidade negra (PORTER, 1938, 1959, 1969).

Ao longo dos anos, outras contribuições foram realizadas. Jesse E. Moorland, um dos curadores da *Howard University* desde 1907, foi quem tornou a coleção mais robusta. Em 1914, doou mais de três mil itens *sobre e relacionado à* população negra, africana e da diáspora africana para a coleção. Com um material diversificado, que englobava desde livros e panfletos até envelopes, fotos e manuscritos, foi necessária a criação da Fundação Moorland e da *Library of Negro Life and History*. Posteriormente, adquiriram a coleção Arthur Spingarn, contemplando as duas coleções principais que forneceram o nome atual para o *Moorland-Spingarn Research Center* (PORTER, 1938, 1959, 1969). Esta se tornou uma das maiores e mais valiosas coleções de literatura antiescravidão e sobre os Estudos Negros, Africanos e da Diáspora que já foi reunida. A Coleção se transformou em uma referência para pesquisadores desses Estudos ao redor do globo e, nas décadas posteriores, consolidou sua posição na contribuição da memorabilia negra. Entretanto, Dorothy Porter Wesley – enquanto curadora da Coleção e também bibliotecária negra – encontrou dificuldades para classificar o conhecimento negro dentro das classificações disponíveis àquela época, em especial, a Classificação Decimal de Dewey.

Com a necessidade de classificar o conhecimento de autoria negra, africana e afrodiáspórica, Dorothy Porter Wesley acabou elaborando, após algumas tentativas, catálogos para classificação dos recursos informacionais presentes na Coleção. Nesse sentido, esta pesquisa visa atender a dois objetivos principais: o primeiro é apresentar a classificação criada pela bibliotecária para a organização, catalogação e classificação dos Estudos Africanos, Negros e da Diáspora, a qual é utilizada até hoje pelo *Moorland-Spingarn Research Center*; o segundo objetivo se refere à reflexão crítica sobre esse movimento histórico que confronta a perspectiva eurocêntrica e racializada na práxis da catalogação e classificação, insurgindo com novas alternativas para organizar e classificar o conhecimento de populações historicamente marginalizadas. O presente trabalho é um estudo bibliográfico e documental, o qual está

embasado nas produções teóricas (artigos, capítulos de livros, relatórios) de Dorothy Porter Wesley e nos catálogos por ela elaborados no período de 1930 até 1973, data de sua aposentadoria.

2 DOCUMENTANDO O CONHECIMENTO NEGRO E AFRODIASPÓRICO EM COLEÇÕES

Na construção deste texto, contextualizaremos sobre coleções e bibliotecas negras, a construção da Coleção Negra da *Howard University* e a necessidade de criação de uma classificação própria e, por fim, fazemos uma breve revisão sobre a perspectiva racializada no sistema de Classificação de Dewey.

2.1 INÍCIO DAS BIBLIOTECAS E COLEÇÕES NEGRAS NORTE-AMERICANAS NOS SÉCULOS XIX E XX

Dorothy Porter Wesley historiciza sobre o surgimento de coleções e bibliotecas destinadas a organizar, preservar e disseminar a historiografia e conhecimentos negros. A bibliotecária infere que desde 1828 existem organizações, instituições e sociedades de pessoas negras que criavam bibliotecas visando emprestar aos seus integrantes os livros do acervo sobre a história, cultura e sociabilidades da população negra. Uma das primeiras foi a *Colored Reading Society for Mental Improvement*, também chamada de *Reading Room Society* (PORTER, 1938). Nela, havia uma biblioteca gerenciada por bibliotecário que realizava os empréstimos dos livros. Os membros realizavam a devolução das obras emprestadas nas reuniões da organização e, caso atrasassem, eram multados. William Whipper foi dos fundadores da Sociedade e descreveu seu objetivo como: “É nosso dever instruir e ajudar uns aos outros no aprimoramento de nossas mentes, pois desejamos ver a chama do aprimoramento se espalhando entre nossos irmãos e amigos.” (COOPER apud BRINTIN, 2013). Conforme Lisa Brintin (2013), os integrantes da Sociedade eram oriundos de elites afro-americanas da época, as quais seguiam os valores morais, pagavam taxas para ingresso e mensalidades à organização. Tais taxas eram utilizadas para compra de livros visando o aumento da Coleção, a qual era composta por livros de literatura clássica, obras de escritores ingleses, história eclesiástica e direito da Pensilvânia. Além disso, havia em sua coleção, jornais da imprensa abolicionista e negra, tais como o mais

antigo jornal negro, o *Freedom's Journal*¹ e o jornal antiescravidão publicado pelo abolicionista, Benjamin Lundy, intitulado *Genius of Universal Emancipation*² (PORTER, 1969; BRINTIN, 2013).

Em 1833, foi fundada a *Philadelphia Library Company of Colored People*, com o intuito de servir a comunidade negra da Filadélfia, constituindo-se em um espaço para aprendizado e intercâmbio intelectual. A partir de doações, a biblioteca com acervo especializado sobre o conhecimento negro foi construída e após cinco anos já possuía 600 volumes relacionados à população negra (PORTER, 1969).

Por conta do difícil acesso às bibliotecas – seja pelo processo escravista, pelas leis de segregação racial ou pela localização das bibliotecas – pessoas negras criaram sociedades literárias com salas de leitura e bibliotecas circulantes, assim como elaboraram suas bibliotecas privadas. No ano de 1938, havia aproximadamente 8.333 volumes distribuídos em bibliotecas particulares, conforme infere Dorothy Porter Wesley. Dentre aqueles que mantinham as bibliotecas e livros em circulação, estava David Ruggles, abolicionista, panfleteiro e impressor negro, referenciado por Dorothy Porter Wesley como o primeiro colecionador de livros negros com publicações sobre antiescravidão e anticolonização. Para manter sua biblioteca em constante crescimento, Ruggles cobrava uma taxa de aproximadamente vinte e cinco centavos por mês de aluguel das obras do acervo (PORTER, 1969).

O contexto supracitado nos traz o entendimento de que a criação de coleções e instalações especiais aconteceu naturalmente na história das bibliotecas e dos serviços oferecidos para a comunidade negra norte-americana. Coleções especiais exaustivas exigiam instalações, processos técnicos separados e podem ser encontradas em quase todos os tipos de bibliotecas (WEELER; JOHNSON-HOUSTON; WALKER, 2004).

Os sistemas de bibliotecas públicas dos Estados Unidos realizou o estabelecimento de instalações especiais com o objetivo de preservar e disseminar o conhecimento, história e experiência negras, das quais podemos citar como exemplo, o *Schomburg Center for Research in Black Culture* da Biblioteca Pública de Nova Iorque, criado em 1905, que atualmente é um dos centros de referência da História Negra Americana; *Auburn Avenue Research Library*, do Sistema de Biblioteca Pública Atlanta-Fulton criado em 1921 e destinado à população negra de Atlanta.

¹ Todos os números deste jornal estão disponíveis em: <https://www.wisconsinhistory.org/Records/Article/CS4415>. Acesso em: 20 ago. 2020.

² Maiores informações sobre o jornal estão disponíveis em: <https://web.archive.org/web/20060109175737/http://www.msu.edu/~dykhous2/Genius/genius.html>. Acesso em: 20 ago. 2020.

Em 2002, foi inaugurada a *African-American Research Library and Cultural Center* na Flórida, construída a partir de campanha de financiamento feita pela comunidade negra e, por fim, a *Blair-Caldwell African American Research Library*, filial da Biblioteca Pública de Denver. Dentre as coleções especiais existentes, podemos citar a *Johnson Publishing Company* (corporativa), localizada em Chicago, a *Martin Luther King Jr. Center for Social Change Library and Archive*, de Nova Orleans (sem fins lucrativos) e a coleção do *Moorland-Spingarn Research Center* (acadêmica), da *Howard University*, esta última, enfoque da classificação evidenciada neste estudo (WEELER; JOHNSON-HOUSTON; WALKER, 2004).

2.2. A CONSTRUÇÃO DA COLEÇÃO DE ESTUDOS NEGROS, AFRICANOS E DA DIÁSPORA DO MOORLAND-SPINGARN RESEARCH CENTER

Retomando a construção da coleção do atual *Moorland-Spingarn Research Center*, ao final da década 1920 e início de 1930, Dorothy Porter Wesley se tornou a bibliotecária responsável pela elaboração da Biblioteca da Vida e História do Negro [*Library of Negro Life and History*] da *Howard University*. Com seu mestrado em Biblioteconomia pela *Columbia University*, enquanto curadora-chefe da Coleção, seu trabalho consistia em encontrar materiais, preservar, proteger, organizar, catalogar, adicionar à Coleção e disponibilizar todo o acervo para a comunidade da *Howard* consultar na Sala de Leitura anexa à Coleção (KELLEY, 1999; HELTON, 2019).

Para a construção e complementação da Coleção, Dorothy Porter Wesley realizava articulações com uma rede de colaboradores, tais como livreiros, autores, colecionadores de livros, viúvos de pessoas que tinham coleções e bibliotecas pessoais, editores, sociedades históricas, outras bibliotecas, indivíduos e organizações negras. Toda essa rede lhe permitiu construir um acervo a partir de doações de materiais, apesar do pouco orçamento destinado à biblioteca e do sexismo enfrentado. Havia também o oferecimento de serviços de revisão de livros em troca de exemplares para a biblioteca e de curadores individuais. Com o passar do tempo, tornou-se especialista nos diversos assuntos que englobam a história e cultura negra, africana e da diáspora (SCAPURA, 1990).

Tal tarefa, que já não era fácil, tornou-se árdua ao constatar que o sistema de classificação adotado à época pelas bibliotecas e bibliotecários, a Classificação Decimal de Dewey, não era suficiente para abarcar todo o conhecimento presente nos materiais que a Coleção possuía. No que se refere à catalogação do acervo, o referido sistema indicava que fossem acomodados os livros que tratavam e se relacionavam à população negra dentro do

número 325, que se referia ao número para “colonização”, ou “326”, número para a escravidão. Nesse sentido, o conhecimento e experiência negros eram reduzidos e inseridos somente nessas duas seções, algo que Dorothy Porter Wesley discordava (SCAPURA, 1990).

Em tentativa de diálogo para que houvesse mudanças na Classificação de Dewey, Dorothy solicitou – por cartas destinadas à responsável pela Classificação de Dewey – que fossem realizadas modificações com a expansão do referido sistema para a inserção das seções que pudessem contemplar os materiais existentes na Coleção. No entanto, sua solicitação foi recusada e, inclusive, acabou por ser advertida sobre a possibilidade de ser processada caso alterasse e violasse os direitos autorais da obra de Dewey (HELTON, 2019).

Conforme Harriet Jackson Scapura (1990), foi necessário que Dorothy Porter Wesley aliasse as habilidades técnicas oriundas da formação bibliotecária à dedicação, persistência, engenhosidade e insubmissão à sociedade racista, patriarcal, sexista e elitista daquela época. Nesse sentido, a partir da recusa em obter a expansão da Classificação, optou por elaborar uma nova classificação que resultou no *Tentative plans for the administration, reclassification and cataloging of the Moorland Foundation of Howard*, de 1932; o *Catalogue of Books in the Moorland Foundation*, publicado em 1939 e, por fim, *A catalogue of the African Collection in the Moorland Foundation Howard University Library*, editado por Dorothy Porter Wesley e sua equipe de estudantes publicada em 1958. A seguir, apresentaremos uma breve reflexão sobre a denúncia à perspectiva racializada na Classificação de Dewey.

3.3 CONFRONTO À PERSPECTIVA RACIALIZADA NO SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO DE DEWEY

Não é de hoje que pesquisadores e pesquisadoras do campo da Organização e Representação da Informação e do Conhecimento têm denunciado a inadequação de alguns sistemas de classificação bibliográfica comumente usados em bibliotecas, inclusive, nas brasileiras. Embora Dorothy Porter Wesley tenha denunciado a perspectiva racista e inadequada para a representação do conhecimento negro na Classificação de Dewey, posteriormente, outras pessoas também desenvolveram estudos visando evidenciar essas perspectivas racistas e excludoras dentro do referido esquema de classificação.

Melissa Adler, por exemplo, denuncia a violência epistêmica presente nas classificações bibliotecárias, a qual interfere na consciência sobre raça, racismo e privilégios raciais dentro da sociedade americana. A autora relembra que as classificações de Charles Cutter, John Fisk e Melvil Dewey foram construídas por “um grupo de homens que citaram e

informaram uns aos outros e, em última análise, organizaram e universalizaram a história americana” (ADLER, 2017, p. 5). Laura Helton, por sua vez, critica a hierarquização racial mantida na classificação de Dewey, a qual tornava “o negro como um escrav[izad]o, quando não um escrav[izad]o, imigrante” (HELTON, 2019, p. 134).

No contexto brasileiro, o pesquisador Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda aprofundou análises de representação de informações no esquema de classificação de Dewey sobre a religiões de matriz africana (MIRANDA, 2009) como a umbanda (MIRANDA; COSTA, 2019), assim como sobre a identidade e religião islâmica (MIRANDA; SILVA, 2019). Seus estudos corroboram com a abordagem de Dorothy Porter Wesley, haja vista o viés abordado no que se refere à representação das experiências negras e a crítica à lacuna da referida classificação. Ainda referente às religiões de matriz africana, em 2018, Marcio Ferreira da Silva realizou sua pesquisa de doutorado intitulada “A questão da representação das religiões de matriz africana na CDD: uma análise crítica da Umbanda”, na qual além de fornecer a análise da estrutura de representação das temáticas referentes à população negra nos sistemas de organização do conhecimento utilizados no Brasil, volta seu olhar para religião umbanda na Classificação Decimal de Dewey. Em seus resultados, ele aponta que os temas existentes nas categorias da referida Classificação não representam os temas vinculados às religiões de matriz africana, assim como oculta a população negra e sua diversidade (SILVA, 2018). Graziela dos Santos Lima elaborou uma proposta *de Cabeçalho de Assuntos de Estudos Africanos e Afro-Brasileiro* como pesquisa de dissertação, na qual apresentou o sistema, suas relações hierárquicas e relacionais visando posterior construção de tesouro destinado aos Estudos Africanos e Afro-brasileiros (LIMA, 2016). No entanto, esses são alguns dos estudos que possuímos no campo. A cada dia o olhar crítico para a práxis e para os sistemas e instrumentos utilizados na prática profissional bibliotecária se aprofunda e busca formas de realizar a reparação taxonômica (ADLER, 2016) para povos que foram historicamente injustiçados pela hegemonia que realiza as tomadas de decisão sobre quais conhecimentos e discursos serão visibilizados e quais serão retirados por não servirem aos interesses dominantes. A seguir, apresentamos a classificação de Dorothy a partir da apresentação dos catálogos publicados em 1932, 1939 e 1958.

4 (RE)CLASSIFICAÇÃO E (RE)CATALOGAÇÃO DO CONHECIMENTO NEGRO DE DOROTHY PORTER WESLEY NA COLEÇÃO AFRICANA

Dorothy Porter Wesley atuou para que houvesse a representação do conhecimento negro de forma ampla e condizente com a diversidade intelectual negra. A organização da coleção teve ainda mais urgência devido às necessidades de alunos, professores e pesquisadores que realizavam disciplinas, ministravam cursos e elaboravam pesquisas referente à África. Nesse sentido, Dorothy elaborou um catálogo de fichas e realizou (re)classificação para compor bibliografias sobre os recursos informacionais contidos na Coleção (HELTON, 2019).

Em 1932, Dorothy fez o relatório intitulado *Tentative plans for the administration, reclassification and Cataloguing of the Moorland Foundation of Howard* [Planos provisórios para a administração, reclassificação e catalogação da Fundação Moorland de Howard] (Figura 1) no qual apresentava os motivos para elaborar uma nova classificação.

Quando se deparou com a responsabilidade de organizar a Coleção e diversidade de assuntos que havia dentro do acervo, viu a necessidade de delinear uma classificação para abarcar a experiência negra e da diáspora. No referido documento, os objetivos da Coleção Negra da *Howard University* eram explícitos, a saber:

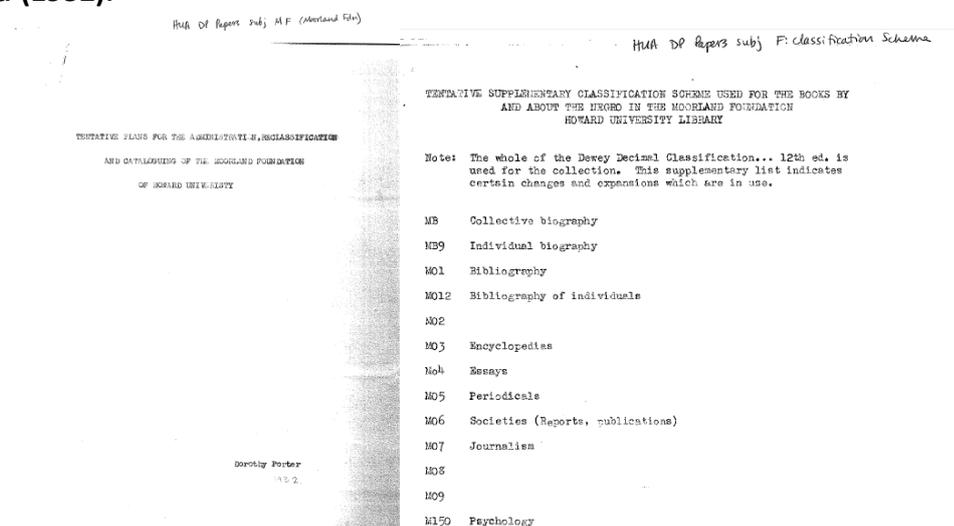
1. Acumular, registrar e preservar material de e sobre negros que não recebeu o reconhecimento que merece.
2. Divulgar, publicar e discutir informações históricas sobre o Negro e assim contribuir de forma positiva para a ampliação do conhecimento universal.
3. Desenvolver uma biblioteca de referência para pesquisadores da vida e história do negro.
4. Para instilar ou despertar a consciência racial e receber orgulho na juventude negra e direcionar sua ambição para a pesquisa do passado negro.
5. Para verificar fatos de ficção.
6. Para fazer da Moorland Foundation a base para excursões acadêmicas reconstrutivas na história e literatura do Negro (PORTER, 1932, p. 1, tradução nossa).

Para tanto, iniciou elaborando um catálogo de fichas que iriam indexar os livros, panfletos e outros recursos informacionais presentes no acervo. O catálogo continha, além das fichas de autor, de assuntos, analítica e de títulos, outros elementos, conforme destaca: a) um índice para materiais importantes contidos em periódicos e que não estavam indexados nos índices gerais de periódicos ou outros lugares; b) arquivo de autoridade para autoria negra. O catálogo foi classificado por assunto e era diferente do catálogo principal da biblioteca, o qual era um catálogo alfabético ou catálogo em dicionário (PORTER, 1932).

A justificativa para ser um catálogo classificado foi elencada por Dorothy. Conforme a bibliotecária, o mesmo serviria para o propósito específico da Coleção, pois o catálogo de

fichas era baseado em um sistema de classificação, logo seria por arranjo lógico de disciplinas; o catálogo combinaria um arranjo alfabético e lógico de assuntos; o pesquisador teria a oportunidade de realizar um levantamento amplo do campo da literatura seguindo uma ordem lógica de busca; o catálogo permitiria o acesso aos livros agrupados em prateleiras, assim como a força da coleção em qualquer classe; qualquer matéria ou aula poderia ser impressa separadamente; mais pessoas poderiam utilizar o catálogo ao mesmo tempo; e por fim, o catálogo seria adequado às demandas de pesquisadores, pois o arranjo lógico de assuntos seria melhor do que o alfabético, assim como uma disposição lógica das obras nas estantes seguindo uma ordem útil no catálogo de fichas auxiliariam na autonomia da pesquisa (PORTER, 1932).

Figura 1 – Cópia da primeira página e da estrutura de classificação sugerida no *Tentative plans for the administration, reclassification and Cataloguing of the Moorland Foundation of Howard* (1932).



Fonte: Cedido por Laura Helton (2021).

No referido catálogo classificado, os arquivos estavam estabelecidos seguindo a ordem por assunto ou arquivo classificado [*Subject or classified file*], autor e arquivo de título [*Author and title file*] e índice alfabético de assunto para arquivo de assunto [*Alphabetical subject index to subject file*]. Para livros raros, as fichas do catálogo eram marcadas com uma faixa colorida ou uma estrela. As obras de autoria negra e autoria de pessoas brancas necessitariam ser separadas, pelo fato da importância de demarcação da literatura e obras de autoria negra. Para tanto, sugeria que os livros fossem marcados indicando na ficha de catálogo que a obra

era de uma autoria negra. “Considera-se que a catalogação mais completa possível é necessária para esta coleção, uma vez que a catalogação fornecerá fatos e informações não impressas” (PORTER, 1932, p. 4, tradução nossa).

No entanto, na apresentação do relatório final, Dorothy reflete sobre a inadequação deste primeiro esquema após a sua aplicação dentro da Coleção da Fundação Moorland. Nas razões apresentadas, indica a falta de completude para abarcar todos os assuntos presentes na Coleção, assim como a falta de espaço para que o esquema se expandisse conforme necessidade. Elenca ainda que nem sempre o esquema era sistemático, pois não afinava do geral ao específico em todos os momentos, bem como os assuntos com conexões não eram desenvolvidos de forma lógica para todos (PORTER, 1932). Ademais, parte do sistema de classificação teve como base o sistema de classificação de Dewey, o qual a bibliotecária advogava a necessidade de ser revisado. Por isso, decidiu elaborar um esquema de classificação baseado na classificação de Dewey³, mas realizando modificações para inserir o conhecimento negro. Dorothy infere que “onde o arranjo parece ilógico, um agrupamento melhor pode ser formado e onde não há números para certos assuntos, alguns podem ser fornecidos” (PORTER, 1932, p. 5, tradução nossa).

Dorothy anunciou ainda que em várias seções, a Classificação de Dewey poderia ser utilizada sem realizar grandes mudanças, ainda que a expansão pudesse ser feita sem afetar a Classificação de Dewey. Na sua concepção, as seções que abordavam a literatura, história e escravidão precisavam ser refeitas, haja vista a insuficiência de seu escopo. Também era necessária uma classificação por país, distrito e cidade em África, o que facilitaria a classificação geográfica daquele continente (PORTER, 1932).

Sete anos depois, em 1939, lançou o “*Catalogue of Books in the Moorland Foundation*” pela *Works Progress Administration*. Neste volume, incorporou os números da classificação de Dewey, personalizando-os para contemplar a classificação de obras produzidas por pessoas negras e também que se relacionassem às populações negras e da diáspora (PORTER; HUNTON; WILLIAMS, 1939; HELTON, 2019). Posteriormente, Dorothy publicou com apoio da Fundação Ford, “*A catalogue of the African Collection in the Moorland Foundation Howard University Library*” (PORTER, 1958). Este catálogo é oriundo da compilação de bibliografias escritas por autores negros, africanos e da diáspora, que complementou a versão inicial

³ Importante lembrar que naquele período, o sistema decimal de Dewey a qual Dorothy Porter Wesley tinha acesso para a construção da classificação consistia nas edições de 1927 a 1951.

publicada em 1939. Dentro da Coleção, a obra mais antiga é datada de 1573, escrita por Juan Latino e publicada na Espanha; há também a dissertação de Jacobus Elisa Joannes Capitein, escrita em latim e holandês publicada em 1742. Existe ainda uma lista de obras de autores africanos do “Novo Mundo”, na qual estão contemplados autores como Gustavus Vassa, James Albert, Ukasaw Gronniosaw, Ignatius Sancho, Phillis Wheatley, Ottobah Cugoana e Job Ben Solomon. Quase todos os países de África também estão representados nas obras da Coleção, as quais são escritas em diversos idiomas africanos (pós-colonização), dentre eles, francês, holandês, português, árabe, suaíli, espanhol e em vários idiomas vernáculos africanos (PORTER, 1958).

A edição de 1958 apresentou 4.865 entradas de livros incluídas à época via esquema alfabético por países ou unidades políticas, os quais eram agrupados em seis regiões principais referentes à África, como, por exemplo, Norte da África, Nordeste da África, Oeste da África, África Central, Leste da África e Sul da África. Ademais, o catálogo possui uma seção geral organizada por assunto precedida de uma listagem de divisões por países (PORTER, 1958).

No que concerne à classificação em si, conforme destaca em uma entrevista, a incorporação realizada da obra de Dewey aconteceu da seguinte forma:

Eu simplesmente comecei a basear tudo sobre a literatura e história negra onde quer que ela caísse na classificação decimal regular de Dewey - se fosse um livro sobre os negros na guerra revolucionária, teria o mesmo número de ‘Guerra revolucionária’, por exemplo. Em seguida, apenas colocamos um ‘M’ na frente dele, para Moorland. Era muito simples, sabe, muito simples. (PORTER, 1990, p. 4).

Dessa forma, todos os números que começam com **AM** se referem à coleção africana na Fundação Moorland ou apenas **M** para Fundação Moorland; seguido de um número de Dewey #; após, um número de Cutter #. Para fins de elucidação, observemos o exemplo da Figura 2.

Figura 2 – Classe Religião, exemplo 365 Barlett, classificado como AM266B28, no A catalogue of the African Collection in the Moorland Foundation Howard University Library, de 1958.

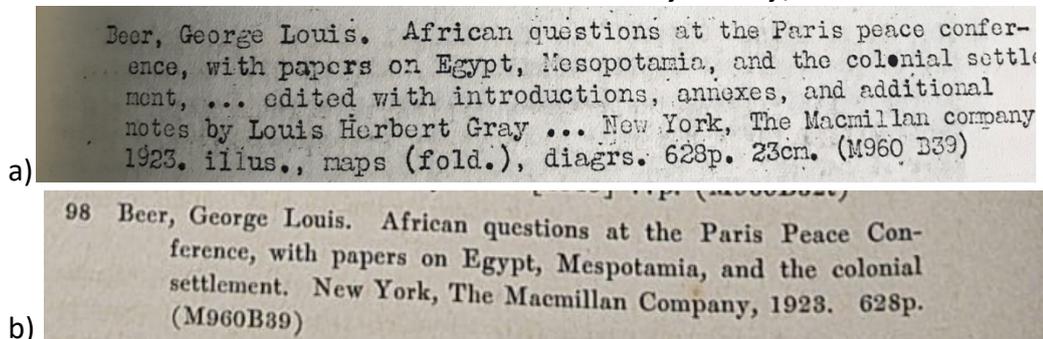
RELIGION	
361	The African valley. [lacks title page] 36p. (AM916Af8a)
362	Anderson, J. N. D. . . . Islamic law in Africa. London, H. M. S. O., 1954 409p. (AM297An2)
363	Anderson, Susan. "So this is Africa". Nashville, Tenn., Broadman Press, 943. 138p. (AM266An2)
364	Atterbury, Anson Phelps. Islam in Africa; its effects—religious, ethical and social—upon the people of the country. New York and London, G. P. Putnam's Sons, 1899. 208p. (M297-At8i)
365	Bartlett, S. C. Historical sketch of the missions of the American board in Africa. Boston, published by the board, 1880. 18p. (AM266B28)

365 Barlett, esboço histórico das missões: AM266B28

A = Coleção africana
M = Moorland
266 = Número Dewey para Missões
B28 = Número do Cutter

Fonte: Porter (1958)

Figura 3 – a) Classificação do material “African questions at the Paris Peace Conference...” no Catalogue of Books in the Moorland Foundation, publicado em 1939; b) Classificação do material “African questions at the Paris Peace Conference...” no *A catalogue of the African Collection in the Moorland Foundation Howard University Library*, de 1958.



Fonte: a) Cedido por Laura Helton (2021); b) *A catalogue of the African Collection in the Moorland Foundation Howard University Library*, de 1958.

Laura Helton (2021) destaca que os números de classificação utilizados por Dorothy para classificar não foram mudados da versão do catálogo de 1939 para aquela apresentada em 1958. Quando comparamos a entrada para *Beer*, por exemplo, o espaçamento é diferente, mas o sistema de classificação em si é o mesmo. Essa classificação foi utilizada para classificar e catalogar todo o acervo da Coleção no período em que Dorothy esteve atuando e, posteriormente, continuou a ser utilizada pelos seus sucessores. Em 1973, ano de sua aposentadoria, a Coleção do *Moorland-Spingarn Research Center* contava com mais de 195.000 obras inventariadas, catalogadas e classificadas (LUBIN, 1973).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa apresentou a classificação elaborada por Dorothy Porter Wesley para a Coleção sobre Estudos Negros, Africanos e da Diáspora da *Howard University*. Com escasso aprofundamento no campo biblioteconômico-informacional brasileiro, a construção dessa classificação pela bibliotecária Dorothy Porter Wesley demonstra o exercício do pensamento crítico frente à catalogação e classificação hegemônicas e coloniais. A necessidade de uma nova classificação para a Coleção Negra da *Howard University* se deveu à urgência de classificações bibliográficas que abrangessem de forma exaustiva a miríade de assuntos relacionados à população negra e sua produção de conhecimentos, assim como confrontasse a exclusão intelectual de tais populações nas bibliotecas.

O presente estudo elucida a necessidade de olharmos para uma classificação e catalogação, assim como uma práxis bibliotecária, que se vinculem à justiça social e informacional dentro dos acervos em coleções e bibliotecas de modo a exterminar epistemicídios e a promoção da racialidade branca. Enquanto pesquisas futuras, esperamos nos aprofundar na classificação de Porter Wesley comparando sistematicamente os números encontrados em seus catálogos com as tabelas de Classificação de Dewey (1927 a 1951) com o intuito de entender as congruências e discrepâncias do sistema original de Dewey, especialmente no que concerne às expansões realizadas e à classificação em “Obras Gerais” para países mais específicos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa de Doutorado às autoras - Código de Financiamento 001. Nossos agradecimentos à Professora Laura Helton, da Universidade de Delaware pelo diálogo e explicações sobre a classificação de Dorothy, assim como às bibliotecárias da Universidade Federal da Bahia, Valdinéia Barreto e Tatiana Bonfim Sousa, e à bibliotecária da Universidade Federal de Minas Gerais, Diná Araujo, pelo auxílio na recuperação do catálogo de 1958 que foi fonte para esta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ADLER, Melissa. Classification along the Color Line: Excavating Racism in the Stacks. **Journal of Critical Library and Information Studies**, v. 1, n. 1, p. 1-32, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.24242/jclis.v1i1.17>

ADLER, Melissa. The Case for Taxonomic Reparations. **Knowledge Organization**, v. 43, n. 8, p. 630-640, jan. 2016. Disponível em: https://www.nomos-elibrary.de/10.5771/0943-7444-2016-8-630.pdf?download_full_pdf=1

BRINTIN, Lisa. Colored Reading Society. In: **Reclaiming the Library**. [S.l.: s.n.], 2013. Disponível em: <https://africanamericanlibraryhistory.wordpress.com/readingroomsociety/>. Acesso em: 10 jun. 2021.

DES JARDINS, Julies. **Women and the historical enterprise in America: Gender, Race and the Politics of Memory, 1880-1945**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2003.

HELTON, Laura E. On Decimals, Catalogs, and Racial Imaginaries of Reading. **Publications of the Modern Language Association**, v. 134, n. 1, p. 99-120, jan. 2019. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-core/content/view/B20252CDDD8F5C881884EEF4B8F4D066/S0030812900051270a.pdf/on-decimals-catalogs-and-racial-imaginaries-of-reading.pdf>

HELTON, Laura E. **Research about Dorothy Porter Wesley**. Mensagem recebida por <francigarces@yahoo.com.br> em 07 abr. 2021.

KELLEY, Robin D. G. 'But a local phase of a world problem': black history's global vision, 1883-1950. **The Journal of American History**, v. 86, n. 3, p. 1045-1077, dec. 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2568605>

LIMA, Graziela dos Santos. **Cabeçalho de Assuntos de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros**. 2016. 111 p. Dissertação (Mestrado em Gestão da Informação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

LUBIN, Maurice A. An important figure in Black Studies: Dr. Dorothy B. Porter. **CLA Journal**, v. 16, n. 4, p. 514-518, jun. 1973. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/44329017?seq=1#metadata_info_tab_contents

MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti de. A organização do etnoconhecimento: a representação do conhecimento afrodescendente em religião na CDD. **Revista África e Africanidades**, v. 1, p. 74-92, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/123456789/345>

MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti de; SILVA, Fabio Gomes da. Religião e cultura periféricas: a representação do Islamismo na Classificação Decimal de Dewey. **Logeion: Filosofia da Informação**, v. 5, n. 2, p. 86-120, mar. / ago. 2019. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4649>

MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti de; COSTA, Deniz. A organização do conhecimento sobre Umbanda e sua representação bibliográfica: uma análise exploratória a partir de registros bibliográficos. **Informação & Informação**, v. 24, p. 154-182, dez. 2019. Disponível em: [10.5433/1981-8920.2019v24n3p154](https://doi.org/10.5433/1981-8920.2019v24n3p154)

PORTER, Dorothy B. A library on the Negro. **The American Scholar**, v. 7, n. 1, p. 115-117, 1938. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/41204327.pdf?refreqid=excelsior%3A5287f0ade3529358d4473a57cc917272>

PORTER, Dorothy B. The African Collection at Howard University. **African Studies Bulletin**, v. 2, n. 1, p. 17-21, set. 1959. Disponível em:

<https://www.cambridge.org/core/journals/african-studies-review/article/abs/african-collection-at-howard-university/C0AFF098F4DA557C2472760D41692B8F>

PORTER, Dorothy B. HUNTON, Margaret R.; WILLIAMS, Ethel (ed.). **A Catalogue of Books in the Moorland Foundation**. Washington DC: Howard University, Compiled Under U.S. Works Progress Administration, 1939.

PORTER, Dorothy B. (ed.). **A Catalogue of the African Collection in the Moorland Foundation Howard University Library**. Washington, D.C.: Howard University Press, 1958.

PORTER, Dorothy B. The African Collection at Howard University. **African Studies Bulletin**, v. 2, n. 1, p. 293-303, 1959. DOI: 10.2307/522962

PORTER, Dorothy B. Documentation on the Afro-American: familiar and less familiar sources. **African Studies Review**, v. 12, n. 3, p. 293-303, set. 1969. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/african-studies-review/article/abs/documentation-on-the-afroamerican-familiar-and-less-familiar-sources/7B7417EE0CA137C0F5E80051D4809ED8>

PORTER, Dorothy B. **The Negro in the United States**: a selected bibliography. Washington: Library of Congress, 1970. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/United-selected-bibliography-Compiled-Dorothy/dp/1318999162>

PORTER, Dorothy B. Interview. In: SCARUPA, Harriet Jackson. The Energy-Charged Life of Dorothy Porter Wesley. **New Directions**, v. 17, n. 1, p. 1-12, 1990.

SCARUPA, Harriet Jackson. The Energy-Charged Life of Dorothy Porter Wesley. **New Directions**, v. 17, n. 1, p. 1-12, 1990.

SILVA, Marcio Ferreira da. **A questão da representação das religiões de matriz africana na CDD**: uma análise crítica da umbanda. 2018. 220 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2018. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/154433/silva_mf_dr_mar.pdf?sequence=3&isAllowed=y

WEELER, Maurice; JOHNSON-HOUSTON, Debbie; WALKER, Billie. A Brief History of Library Service to African Americans. **American Libraries**, v. 35, n. 2, feb. 2004. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25649066>